

O KALEIDOSCOPIO.

PUBLICAÇÃO SEMANAL DO INSTITUTO ACADEMICO PAULISTANO.

N.º 8.

SABBADO 26 DE MAIO.

1860.

Retratos à lapi.

BITTENCOURT SAMPAIO.

A physiognomia que vou retratar, é uma dessas que chamam a sympathia ainda antes de serem conhecidas pessoalmente. O Sr. Bittencourt Sampaio procede da mais pura raça dos espiritos azues, especie de *blue devils* da sociedade escolhida, raça que setorna de dia em dia tão rara como a das eguas de Eumello, o rei dos Pheros que foi ao cerco de Troya, ou dos alentados cães de Walter Scott. Não é um homem de salão, no rigor do termo; mas tem o instincto da boa companhia, com as encantadoras futilidades dessa gente abençoada.

Com o Sr. Bittencourt Sampaio deixa de ser paradoxo o dicto de Buffon: «O estylo é o homem». De suas poesias como de suas cartas poder-se-hiam tirar sem custo todos os traços de sua physiognomia. Tudo nelle é o descuido e a candura em pessoa. Sua conversação é amavel, seu espirito crepita em faiscas doiradas. Mas é preciso que o acordem, que paxem por elle, que o interpelem com interrupções e objecções; do contrario fica á dormir no magico leito das scismas. Como contador é maravilhoso: toma a falla e a pantomima e até as feições dos seus heróes: faz gosto ouvil-o.

Como todos os espiritos superiores, tem seu lado original. Ha dias de revestir uma gravidade de melodrama. Diz que está cuidando do futuro. Mas esse estado de preocupação, si dura tres quartos de hora é o mais.

Contam que Buffon não escrevia uma só das admiraveis paginas da Historia dos Animas sem que estivesse de casaca bordada e chapéu de pasta ao lado: o Sr. Bittencourt Sampaio não rima uma quadra sem que tenha envergada sua cazaca azul de botões amarellos e um boné da mesma fazenda na cabeça. O *Hymno ao Sol* foi escripto assim, sob os auspicios dos heroicos botões amarellos da cazaca azul.

Elle começa uma poesia: si lhe falta um

termo para completar um verso, atira a pena e vai passeiar. «Ainda não é tempo»: diz muito senhor de si. Elle lá sabe o que lhe vai pelo espirito e pelo papel, quando a inspiração o subjuga. Ao terminar a ode á *Liberdade*, ás seis horas da tarde de 7 de Settembro de 1857, tremia que nem uma vara verde. Si quizemos ouvil-a, foi preciso que um dos amigos presentes lh'arrebataste das mãos. Era então bem restricto o circulo de seus intimos. Destes só me lembra o Sr. Tavares Bastos. Conversava-se sobre a arte, discutiam-se as theorias dos contrastes de Victor Hugo, bebia-se champagne, assentavam-se as bazes do futuro litterario da patria, e fumava-se um cigarro de Campinas no meio dos bons dictos e dos propositos sizudos. Em quanto isto, as casualinas sussurravam e abriam aquellas boas-noites que o poeta depois cantou n'um metro delicado, n'uma canção de extasiar. E esses tempos não voltarão mais...

A's vezes some-se. Ninguem sabe d'elle. Em casa não está. O que anda fazendo aquelle doido?—perguntam os seus intimos. Ora o que anda fazendo? anda sonhando, conversando a natureza, fazendo devancios, e tudo isso com tanta habilidade e paixão como a George Sand fazia seus doces ao forno, nas horas que não trabalhava em *Lelia* ou na *Indiana*.

Não vizita a muita gente. Vai pouco ao expectaculo. Mas ama a conversação como ama as mulheres, e as flôres, e a poesia e a musica. Toca violão e canta lundús da Bahia: é uma das suas boas horas.

O nosso heróe é orgulhoso; mas tem o orgulho de não parecer-o. Elle tem consciencia do que vale; mas para que andal-o inculcando aos outros? Elle tem bastante espirito para não mostrar o que os outros devem perceber. Demais, não é suberbo, nem vaidoso: de boa mente curva-se aos conselhos da amisade. A's vezes revolta-se contra a critica e os criticos, constróe lá suas theorias litterarias... meu Deus! é paradoxal como ninguem: faz a apothese dos romanticos de 27 em França que endeosavam a liberdade do genio, romanticos que

no curso ordinario dos dias elle repelle de coração e até abomina. Mas então seus arrebatamentos são eloquentes, são magníficos. Porém, ordinariamente, elle faz depender do voto dos amigos a apresentação de suas obras no grande mundo. Uma vez achei-o muito encommoado porque, em vez de *dormindo sonhou*, tinha escripto n'uma poesia: *sonhando dormiu*. Foi-me preciso grande trabalho, nada menos do que expôr uma theoria methaphysica do sonho fóra do somno, afim de acalmar-o de tão grave cuidado.

A' um espirito tão fino e tão lapidado ajunta uma alma angelica capaz dos maiores sacrificios. Por occasião do cholera na sua provincia de Sergipe, prestou mais serviços do que todas as commissões medicas que o governo lá mandou. A' cavallo de dia e de noite, voava pelos quarteirões da cidade e dos arredores, levando á uns remedios, consolação á outros, roupa á muitos, e allivio a quasi todos que vizitava. Pallido, os olhos fundos, ás faces encovadas, todo o systema nervoso em excitação e a fronte illuminada por um clarão celeste, era o Anjo da vida disputando a humanidade ao demónio da morte. Em paga disto, o governo deu-lhe um habito que elle não tirou. Achava que serviços dessa ordem não merecem as recompensas da terra? Pensou bem. Seria distracção? Um dia esqueceu-se de comer. Os companheiros foram achal-o encerrado no quarto á lêr as *Folhas do Outomno*. Foi então que o corpo reclamou seus direitos, e elle lembrou-se de que tinha fome.

A' hora presente, dizem que está se metamorphoseando, que deixou as graciosas maneiras infantis que tinham a bondade de angariar-lhe muitos amigos e de afastar os inimigos, isto é, alguns mal prevenidos que não n'o conheciam bem de perto. Metteuse na vida publica, deve de estar outro homem, por via de regra. Mas aquelle estro scintillante, aquelle espirito tão jovial, tão amavel, elle que acreditava em almas do outro mundo?... Não creio, não é possível que deixe jámais de ser o que sempre foi: um artista privilegiado.

S. Paulo, Maio de 1860.

Sandoval.

EDUCAÇÃO.

EXERCICIOS DE COMPOSIÇÕES.

(Continuado de p. 49.)



Ainda hoje, meus meninos, tereis de ver um pouco em scena o mimico Simão; bem que seja grande o interesse que mostraes em ouvir a narração dos seus feitos diabolicos: tenciono hoje apenas fallar-vos delle; e por ora ou para sempre, abandonar tão importuna criatura. Tudo se torna entadonho, quando dura mais que um certo tempo, tal é a condição do ser humano: que logo se enfada com o que tem longa duração. Sempre volúvel, sempre desejando novas cousas, o homem se torna indifferente, e mesmo aborrece aquillo que outr'ora o deleitava; quanto mais diaburas de Capêtas, que si umas vezes fazem rir, quando a isso se está disposto, nem sempre podem agradar; e mesmo além de causar tedio, se tornariam ridiculas e insupportaveis, quando cousas mais serias fossem desejadas, ou se devessem esperar.

Abandone-se, pois, de hoje em diante, um rapaz, que tão esturdio, tão sem principios, só em leitos ridiculos faz seu forte. Esqueçamo-nos de agora em diante do tal Simão, que baldo inteiramente de bons instinctos, só pratica acções improprias de quem quer ser estimado.

Este rapaz, que de todos sendo aborrecido, ficou com o nome feio de Capêta, não se contentando, não sabendo occultar ter elle sido o autor dos sustos em que se viram seus vizinhos, por causa do gato, como todos já sabeis: no dia seguinte á noute da sua astuciosa caçoada, cada vez que via alguém daquella casa, era para elle motivo de risadas; e com ditos importunos, e quanto genero ha de gatilmonias, dava apupadas, varias e surriadas.

Um dos filhos do vizinho, que além de envergonhado, com o que lhe succedêra, ficára mui zangado de se ver zombado por um ente tão ridiculo, protestou vingar-se da affronta que soffrêra.

Andava esperando, este moço, a occasião em que pozesse em pratica algum feito, que servisse de lição ao tal Capêta, quando observou que o tal judeu ás noutes pulava-lhe ao quintal, para fructas furtar do seu pomar. Com isto ficou elle bem contente, poisque a oportunidade era chegada de prégar tambem, pela sua vez, alguma peça ao rapaziinho, que com todos de sua casa caçoára.

Uma noite põe-se á espreita da varanda, até que chegada a hora lá surge sobre o muro o rapazinho, que atrás das fructas vinha. Elle deixa-o pular, e quando estava já trepado na ameixeira, fazendo a sua costumada provisão, de cá dispara um tiro, mas tiro de polvora secca, está bem visto, somente para o Capêta amedrontar. Simão fica assustado, e leva um tombo da ameixeira ao chão; e quando erguido, quer correr, sente-se agarrado pelo braço do moço, que a pistola disparára. Agora, Simão forceja, mas nada pôde conseguir do moço a quem tanto malquigelára.

Naquelle mesma hora, é conduzido á guarda da policia; e logo que amanheceu, foi encerrado na Casa da Correção. Alli esteve Simão por algum tempo, em castigo de ter assaltado em alta noite a propriedade alheia; e com isto toda a vizinhança, que o não podia supportar, se viu livre então de rapaz tão insupportavel.

No dia 23 partio o Ex.^{mo} Sn.^r D.^r Manoel Antonio Duarte de Azevedo, á fim de tomar conta da difficil missão de que o incumbio o governo imperial.

Moço, illustrado, despido de orgulho e de paixões mesquinhas, reunindo aos dotes do espirito as mais bellas qualidades de um caracter immareavel, não podia o governo achar delegado mais digno nem mais proprio para gerir uma provincia nestes tempos anormaes e climatericos de eleições.

O ex-juiz de orphãos da Capital é desses homens que honram as posições que occupam, por mais honrosas e delicadas que ellas sejam.

Parabens á provincia do Piauh! Ella vai vêr firmado o reinado da paz e da justiça, e realiado o magnifico programma de um ministerio que sabe tão bem aproveitar os caracteres honestos e dedicados á causa das boas idéas para firmar nas provincias os principios da ordem e da soberania popular, as instituições constitucionaes e as bellas tradições do regimen representativo.

O Ex.^{mo} Sn.^r Duarte de Azevedo, digno Socio Honorario do nosso Instituto, deixa profundas recordações á todos os que tiveram a felicidade de conhecê-lo e tratá-lo com intimidade. Os Academicos em geral se embalavam na doce esperança de vê-lo em breve entre o numero de seus Lentes. Perto de cem pessoas foram-n'ó acompanhar até a Arvore das Lagrymas, e neste numero sequito não houve quem não se sen-

tisse commovido ao vêr partir o homem popular, o amigo extremoso, o juiz illustrado e recto e o esperançoso joven á quem acena tão brilhante futuro.

Deos o felicite para honra e gloria da patria.

Sonho de um estudante de S. Paulo.

Era uma noite, eu sonhara
Que o *dies iræ* chegara
De meu exame fazer;
Não era bom estudante,
Com meus laivos de pedante,
Tinha razão de tremer.

Era rico na verdade,
Mas por infelicidade
Não se compra um *brilharetur*;
O dinheiro nada val
Quando chega o triste mal
Quando vem o *espicharetur*.

Nada pois mais natural
Que desse terrivel mal
Viesse a imagem, sonhando:
Foi isso que aconteceu,
Pois, apenas dormi eu,
Foi m'a idéa atormentando.

Sonhei que chegara o dia,
E que triste eu me vestia
Para fazer o meu acto:
Tinha chapéo *tamberlik*,
Estava todo no *chik*,
Era mui fino meu fato.

Sonhei depois, que, espichado,
Ja todo envergonhado,
Fugindo, qual fuge um cão;
E depois vi o *bedel*,
Que me dizia—«Manuel,
Levaste reprovação.»

Mas finalmente acordei
Desse sonho que sonhei
Em noite triste, aziaga:
Acordo, vejo o *credor*,
Que me dizia—«Doutor,
Mando-o citar, si não paga.»

Rio de Janeiro, 1858.

A. J. Nascentes Burnier.

Por estes excellentes versinhos pode avaliar-se da natureza, e do espirito desse jovem poeta colhido pela morte na aurora da vida. Como Alvares de Azevedo, elle presentiu e predice sua hora derradeira; como Alvares de Azevedo, elle sabia manejar o comico com tanta destreza como o serio da mais britannica sizudez. Deixou menos, porem, porque sua hora bateu mais cedo. Sentimos não ter á mão os dados precisos para a confecção da biographia dessa existencia tão cedo roubada ao sol douado e ao céu azul do firmamento da patria.

Da Redacção.

A vingança d'um irmão.

(Continuado de p. 54)

II.

Como, porém, eu não tinha vindo para vel-o pensar e fumar, cuidei de interromper-lhe o silencio.

—Dir-se-ha, meu amigo, que em cada fumaça que se desfaz morre alguma esperança que...

—Ah! exclamou elle como que acordando: muito estimo que viesses me ver... Tenho soffrido muito!... Precisava de ti, precisava de um peito amigo dentro do qual minhas palavras tivessem echo, despertassem um coração que intendessem o meu... porque quero contar-lhe uma a uma todas as dores que sinto... Muito tenho que conversar contigo.

Accendi um charuto e esperei que o meu amigo, depois destas palavras, continuasse a me referir a sua historia.

Mas aquelle cerebro estava ardendo, os pensamentos se encontravam e elle cahiu em novo silencio.

—Meu amigo, principiei então: as nossas relações não datam de hoje, o tempo as tem estreitado. Desd'então temos alimentado uma amizade constante e verdadeira.—Hei-te patenteado todos os reconditos do meu coração: minhas esperanças, minhas ambições, meus sonhos, tudo, enfim, te hei revelado com a mais franca e sincera amizade. Tens praticado o mesmo para comigo. Entretanto, descobrindo alguns pontos obscuros e mysteriosos na tua vida, e tendo, com titulo d'amizade, pedido esclarecimentos á respeito, tens te excusado, tens illudido as minhas questões.—Hoje, porém, exijo de ti um esclarecimento completo. Quero que me refiras a tua vida passada, que me esclareças sobre este mysterio que ora te rodêa. Sei que amas. Já conhecias essa moça, e por isso devias-lhe conhecer a vida, a sua posição e caracter; devias igualmente ter ponderado a possibilidade de te unires a ella. Entretanto amaste-a. Lançarias, por ventura, um véu sobre o seu passado, e hoje soffres porque levantas esse véu?

—Enganas-te!... Não é o seu passado que surge ante mim e me faz gemer como sob o peso d'uma maldição!... É' o presente que se ennegreceu, e lá nas trevas, em vez dessa imagem d'anjo que me sorria, surge o vulto d'um phantasma livido que faz ouvir constantemente estas palavras infernaes: —Insano!

arrasta a existencia pelo chão da pobreza, e não ergas os olhos á filha do rico... Eis o meu presente—miseria e desespero, eis o meu futuro—miseria, desespero, e quem sal e o resto?..

A minha mocidade foi tempestuosa, continuou elle. O turbilhão das paixões por vezes me arrastou pelas sendas da devassidão e até do crime... Amei a muitas mulheres para depois zombar dellas infamemente... Pensei que a depravação houvesse corroido o meu coração, pensei que o canero roedor do vicio houvesse minado os meus sentimentos, pensei que mais não pudesse amar... Entretanto o halito perfumado daquella virgem embriagou-me, senti sua alma passar pela minha alma—roçal-a, e purifical-a... e eu ameij-a como se nunca houvesse amado na vida...

Os annos correram rapidamente, e um dia eu me achei face á face com essa criança então já moça. Ella havia seguido o seu destino: caminhára sobre flôres e sorrisos, e eingira a frente com a corôa dos entes privilegiados. Eu tambem segui o meu destino. Só no mundo, sem conselhos, entranhei-me pelo primeiro caminho que se offereceu ao meu caracter fogoso—o da dissolução. Por fim estava farto, e de toda essa loucura só havia colhido decepções e remorsos.

Um dia, pois, eu me achei face á face com essa moça. Recordei-lhe a nossa infancia—ella baixou os olhos e nada me respondeu. Recordei-lhe nossos juramentos, nossos brincos infantis, certa promessa que me havia feito quando eramos crianças—ella suspirou e ergueu os olhos para o céu. Perguntei-lhe quantas vezes se ama na vida—Uma só—me respondeu e fugiu de minha presença.

Eu senti então que alguma cousa de extraordinario se passava em mim... Neste momento meu coração agitou-se, estremeceu, uma corda que até ali me era desconhecida tangeu notas puras e suaves como voz de virgem exhalando harmonias do peito.

Isto fez-me pensar no passado, nas minhas ligações, nessa vida desvairada que eu levára—e envergonhei-me... Meu viver tresloucado parecia-se a uma figura macillenta, cujas roupas brancas eram manchadas pela baba torpe da devassidão... E apoz esta figura, como em fundo de um quadro negro, radiava a imagem d'uma virgem pura, dedicada, com a frente circumdada de corôa de amor... Oh—o insano que tantas vezes se revolvêra ebrio no leito das perdidas poderia, por ventura, aspirar o leito da virgindade?! E porque não? —Haydea—a pura flôr das ilhas não desabro-

chou e pendeu aos beijos de D. João? E o libertino não amou-a loucamente, não se purificou no banho daquelle amor?... Ah—cu-me ia esquecendo que era pobre!... que o pobre não pôde ter um affecto... Todos lhe fogem, todos o desamparam... e muito é se na miseria um irmão de padecimentos lhe abre o peito e choram juntos... Mas o rico como lhe ha de apertar a mão se teme que essa mão lhe vai pedir alguns vintens... pedir-lhe a vida!... O pobre é um assassino—e o rico foge-lhe como se fugisse do proprio crime...

Contudo, uma idéa me atormentava. Entre mim e essa virgem havia um abysmo, havia o espaço que separa a virtude do crime, a distancia que vai entre a moça pura e a mulher perdida.

Para fugir da pressão desta idéa triste, fui abrigar-me á sombra dos sonhos da imaginação. Ideei um futuro novo, uma vida cheia de incantos e de flôres. Doia-me a realidade porque rasgando os véus dos meus sonhos, ria-se ja minha insania dimpando-os um a um e me impellido ao desespero. Mas aquelle amor puro outra vez voltava a encher-me a alma de esperanças.—

Foi d'ora em diante a idéa que alimentou-me a vida, idéa que nos meus delirios por noites de insomnia queimava-me o cerebro como se um ferro em brazas me trapassasse o craneo. Minhas crengas renasceram, Deus teve piedade de mim. Deus, que eu sempre crêra não existir senão nos tempos da meninice quando se quer fazer a criança obedecer amedrontando-a com o maravilhoso; Deus que eu sempre julgára ser o arrimo do ignorante ou do pusillanime,—Deus teve piedade da sua creatura desvairada. Abriu-lhe os olhos, rasgou os véus da descrença que lhe incubriam a morada dos justos. Oh—quanto é bella a imagem da virtude e hediondo o vulto do vicio!... Perdão, pois, meu Deus, se um momento eu vos desconheci e fui queimar incenso no altar do vicio!...

O meu amigo calou-se, e escondendo a frente nas mãos parecia meditar.

Não quiz interrompê-lo. Este silencio devia ser respeitado, porque revela um estado em que o ente humano ou é verdadeiramente grande e sublime ou fragil e mesquinho: o combate das paixões.

Este neophyto da virtude que ha pouco deseria de tudo e agora em tudo crê só porque uma voz de virgem lhe despertou no coração

sensações desconhecidas, offerece uma phase da vida humana curiosa de ser estudada.

Acreditaes, porém, naquella regeneração? Si acreditaes admiraes o papel sublime que representa a mulher fragil.—Ella dá calor ás crengas do homem, ella pôde, com seu debil braço, arrancar á Satan a sua victima e collocar-a no numero dos eleitos de Deus.

Si não acreditaes, admiraes assim mesmo a missão confiada á companheira do homem.—Collocada como que entre o céu e o inferno ella pôde regenerar o vicio e corromper a virtude, caso seu amor seja dado ao vicio, ou seu despreso á virtude...

Eu duvido da regeneração que se opéra por um sorriso de mulher.

(Continúa.)

DUAS PALAVRAS EM RESPOSTA Á CRITICA FEITA AO = GOLPE DE VISTA SOBRE A HISTORIA UNIVERSAL, POR FREI FIRMINO.

Em um dos numeros do *Kaleidoscopio*, deparamos com um artigo, cuja epigraphe = Golpe de vista sobre a Historia universal, por Fr. Firmino = attrahio-nos a attenção, por isso que, já tinha-nos vindo á mão essa obra, e por certo n'um jornal litterario, não se apresentava, sinão sujeita á uma analyse rigorosa, que chamamos — critica — e com franqueza o dizemos, sempre amamos a critica, entenda-se-nos bem, quando nascida de um juizo imparcial, e reflectido, do contrario, não será mais do que uma expressão vaga, longe de esclarecer os juizos dos outros nas materias sobre que versar, irá obscurecel-as. A critica é, em o nosso fraco entender, uma poderosa alavanca da sciencia, é, podemos ainda dizer, o — crisol da intelligencia. Prestamos pois toda a nossa attenção na leitura da critica feita ao Golpe de vista do Sr. Fr. Firmino; permitta-nos agora o seu illustre author, que façamos algumas reflexões imparciaes, e possamos vêr, se com effeito, ella foi bem cabida.

Começa o author por censurar a curia romana, considerando-a como a causa principal dos males sobrevindos á mais pura, e mais santa religião, que jámais houve, falamos da religião christã.

Não o acompanhamos em seu modo de pensar, porquanto um ou outro abuso, que alli tenha-se dado, não pôde authorisar ninguem a irrogar-lhe uma tão acre censura, seria mesmo um contrasenso attribuir uma

tal impiedade, áquelle centro da religião christã, d'onde sempre tem partido raios de luzes, que desvanecendo as nevoas, que algumas vezes hão toldado os espiritos christãos, os vivificam na fé, e os elevam no conhecimento das verdades eternas. Depois recorda o author da critica, esses tempos gloriosos, em que nos campos do Ypiranga raiou-nos o sol da liberdade, que rompendo os ferreos e despoticos grilhões que nos prendiam, assignalou-nos uma nova epocha cheia de vida e de esperanças! Compartilhamos tão sublimes idéas, porque em nosso peito, ainda palpita um coração joven e livre, e enchemo-nos de orgulho por nascermos n'um paiz livre, como é o nosso, onde é este direito tão sagrado, garantido em toda sua plenitude: mas desejavamos, que um tão santo entusiasmo, não o levasse até o ponto de vêr no Sr. Fr. Firmino, um d'esses individuos, que ultrapassando os mares, tentam vir affrontar a nossa liberdade, apregoando doutrinas, que jámais serão por nós recebidas. Por ventura ha o Sr. Fr. Firmino abusado do magisterio sagrado, que exerce no Seminario episcopal, proclamando doutrinas heterodoxas, fanaticas e despoticas? Suas preleções, não ficam encerradas dentro do Seminario, transpõe seus umbraes, e hão cahido sob o dominio de intelligencias vastas, que n'ellas não viram vislumbre algum de fanaticas e despoticas: são idéas horriveis, cheias de anachronismo, que de modo algum se podem attribuir ao illustre Professor de Historia no Seminario, que inteiramente repugnam com sua desenvolvida intelligencia, zelo e desinteresse, com que cuida da instrucção religiosa, n'aquelle Seminario, merecendo por isso a confiança do Ex.^{mo} Sr. Bispo diocesano.

Analysando o Golpe de vista do Sr. Fr. Firmino, diz o author da critica = que nada ali se encontra de novidade, senão pessimo estylo, falta absoluta de critica historica etc. = O Sr. Fr. Firmino, escrevendo a sua pequena obra, jámais teve em vista apresentar ao publico uma obra importante sobre Historia; sinão encontramos grande novidade, estylo sublime, achamos em logar um estylo simples, accommodado ao espirito da obra, muita precisão e clareza. Demais, a necessidade urgente de um methodo, que facilitasse o ensino da Historia n'aquelle Seminario, que encadeasse as idéas de seus ouvintes, de tal fórma, que sem muito trabalho estudassem suas lições; o escaço tempo, de que dispoz na composição d'esse methodo, não

lhe facultava por certo meios de produzir uma obra indefectivel, cercada das qualidades, que adornam aquellas que são filhas de um aturado tempo, e de longas locubrações.

O proprio religioso o confessa, com toda a modestia que o caracteriza, na advertencia que precede ao seu Golpe de vista. O bem pois da mocidade, que lhe é confiada, foi que o levou a apresentar a sua obra, tornando-se por conseguinte digno de muitos encomios. (Continúa.)

MUSICIANA.

Attribue-se á Guido de Arezza a invenção das syllabas *ut, re, mi, fa, sol, la*, de que nos servimos hoje, e que foram tiradas do hymno de S. João, cujas palavras são:

*Ut queant laxis, resonare fibris,
Mira gestorum, famuli tuorum,
Solve polluti, labii reatum,
Sancte Joannes.*

Marcos Portugal, mestre de capella de D. João VI, era não só rival, mas inimigo do padre José Mauricio. Um seu amigo gabando-lhe a missa de Santa Cecilia do *maestro* brasileiro, accrescentava:

—O rei gostou muito d'esta bellissima peça.

—E só o padre lh'a poderia pregar (observou Marcos.)

Adam, auctor da opera *le chalet*, uma das mais primorosas da eschola franceza, morreu dizendo:

—A ultima cousa que se faz na terra...

Foram de um poéta as ultimas palavras de Mozart:

—Fallaes-me de consolação, Emilia!...

Decoraes as minhas ultimas notas e cantae ao piano o hymno de vossa santa mãe. Oxalá que eu possa ainda ouvir aquellas notas que me serviram por tanto tempo de deleite e consolação!...

Sua ultima obra foi o famoso *Requiem* que foi cantado pela primeira vez no officio do setimo dia de seu passamento.

MOSAICO.

Tempos houve em que os tribunaes da Europa fulminavam sentenças contra animaes accusados de certos delictos, e em que as

auctoridades ecclesiasticas lançavam os raios da excommunião contra insectos damnosos. Tão monstruoso pareceu ás novas gerações um semelhante abuso da justiça divina e humana que lhe não quizeram dar credito; documentos autenticos, porém, comprovam o facto, e não deixam duvidar d'elle. Manuscriptos de varias bibliothecas publicas ou de particulares curiosos relatam por miudo muitas destas causas. Chascané, celebre jurisconsulto do seculo XVI, compóz varias consultas a este respeito, e depois de ter examinado qual o meio de citar certos animaes perante a justiça, investiga quem legalmente os pôde deffender, e em que juizo se hade intentar a acção.

No seguinte extracto apontamos os auctores que attestam certos casos, a epocha das sentenças proferidas, o motivo porque foram citados em juizo alguns animaes, assim como a era em que contra elles se lançaram varias excommuniões.

Anno 1120. Toupeiras e lagartas excommungadas pelo bispo de Laon. (*Saint Foix*).

1386. Porca mutilada e depois enforcada, em virtude de sentença do juiz de Falaise, por ter despedaçado um menino. (*Estatistica de Falaise*).

1394. Porco enforcado por ter morto uma creança na parochia de Romaigne, viscondado de Mortaing. (*Sentença manuscrita*).

1474. Gallo condemnado a ser queimado vivo, em virtude de sentença proferida pelo magistrado de Bâle, por ter posto um ovo. (*Idem*).

1488. Os vigarios de Antum ordenam aos curas das freguezias circumvisinhas notiquem aos gorgulhos que deixem de fazer os estragos costumados durante os officios e procissões, pena de excommunião. (*Chascané*).

1499 Touro condemnado á forca em virtude de sentença do bailio da abbadia de Beaupré, por ter morto um mancebo. (*DD. Durand e Martenne*).

Em principios do seculo XVI: sentença proferida contra os gorgulhos e gafanhotos, que devastavam o territorio de Melière. (*Theoph. Rainand*).

1544. Sanguesugas excommungadas pelo bispo de Lausana, porque destruiam os peixes. (*Aldrovando*).

Os brahmanes não podem soffrer que um europeu tire o lenço e depois de assoar-se o

torne a metter na algibeira; isto lhes causa extrema nausea e lhes perturba a cabeça, porque elles o fazem com muita mais limpeza do que nós. Quando um brahmane precisa assoar-se, sahe do logar onde está retira-se para um canto, agarra o nariz, assoa-se na palma da mão—limpa-a á parede—e volta ao logar onde estava, tendo feito esta operação com todo o accio possivel.

Indicaram a Philippe II, d'Esanha, um sujeito para certa dignidade, porem como o não provesse El Rei, não obstante ir na cabecceira do rol, a final o propozeram só, informado ser capaz e de muita prudencia. Sabia o rei que essa pessoa tinha familiaridade escandalosa com uma D. Prudencia; pelo que tomou a penna e poz a margem: *Propoza-se outro: já tenho noticia da sua Prudencia*.

A lua é a obreia da natureza.

Abraçar uma mulher que toma tabaco é o heroismo do amor.

A realidade é a limonada purgativa do sentimento.

A mulher foi creada para dourar a pillula de nossa existencia.

A consciencia é o paletot da alma.

Partir de um máu principio é embarcar sem bolacha no navio do erro.

O mar Negro é o tintureiro da natureza.

O isolamento é uma ilha deserta para onde se embarca na jangada do egoismo.

As mulheres desconfiam dos homens em geral, mas nunca em particular.

O commercio é uma caverna de salteadores illuminada a gaz.

De melhor vontade me casaria com uma mulher pequena do que com uma maior, dos males o menor.

Commerson.

ADVERTENCIA.

Não se restituirá autographo algum que vier á Redacção deste Jornal.

O ROMANCE DE UM MOÇO RICO.

(Continuado da pag. 56.)

SCENA 7.^a

A Condessa e Fernando.

CONDES.—Mais uma desgraça! Deos me dê resignação.

FERN.—Uma desgraça!

CONDES.—(Fingindo enxugar uma lagryma). Ah! estavas ali, Fernando!

FERN.—E vi-a chorar, minha irmã.

CONDES.—(A' parte). Chamou-me sua irmã: hei de triumphar! (Alto). Não me queres mais chamar *senhora*, como esta manhã?

FERN.—Esta manhã eréis feliz, minha irmã, e agora choraes.

CONDES.—És bom, és muito bom!.... nobre como todos os de nossa familia, e eu não quero ter segredos para ti.

FERN.—Falle, confie-me seus pezares.

CONDES.—E tu confiar-me-has tambem todos os teus pensamentos?

FERN.—Todos os meus pensamentos?

CONDES.—Hesitas.... Quero, meu irmão, merecer tua affeição e não tua compaixão. Guarda, pois, teus segredos que eu guardarei meus pezares.

FERN.—Confiar-lhe-hei tudo que quizer saber, com tanto que falle, que falle já.

CONDES.—Fernando, teu irmão, e eu estamos arruinados!

FERN.—Arruinados! Mas não tenho eu uma pequena fortuna de que póde dispór como si fosse sua, minha irmã?

CONDES.—Pois que! dás-me tudo que possues, tudo que podéres possuir?

FERN.—Sim, dou-lhes tudo que tenho.

CONDES.—Mas si algum dia te casares?

FERN.—(Com tristesa). Casar-me!.... quem quererá unir sua sorte á minha e partilhar as tristes alternativas de meu destino?

CONDES.—Sim, comprehendo-te: avalio os teus receios, meu amigo. A ternura de uma mulhermoça e bella falleceria ante uma dôr que não poderia vencer e á qual viveria presa.

FERN.—É assim.

CONDES.—Mas si tarde procuramos remedio aos nossos males para logo nos convençemos de que é no seio de Deus que encontramos as consolações as mais doces e suaves.

FERN.—Sim, tenho por vezes me lembrado que n'um claustro....

CONDES.—Em um claustro! Oh! não te aconselharei que o faças.... com quanto....

FERN.—O claustro!.... E entretanto amo a vida, o ar, o espaço, a natureza!.... amo tudo que Deus tem creado de bom e de bello! Ai! si soubesses, minha irmã, como eu teria amado a quem me amasse.... a mim, tão desgraçado! Ha pouco me perguntaste porque busco a solidão, porque choro?... Pois bem, vou dizê-lo á minha irmã, que agora é desgraçada e poderá avaliar o que tenho soffrido.... O que me mata, o que me esmaga é viver só, isolado neste mundo, desherdado das mais doces affeições.... E todavia eu sinto em mim toda a ternura, todos os amores.... mas essa ternura, esses amores são comprimidos, estereis, condemnados ao nada neste coração de onde querem transbordar e que o torturam incessantemente!.... Minha mãe!.... ah! tê-la-hia presado muito! — tê-la-hia amado como amamos aos anjos, como amamos a Deus, como finalmente amamos á uma mãe!.... Minha mulher! — seria seu humilde escravo!.... Meus filhos!.. ah! meus filhos.... seria para elles o que meus páes teriam sido para mim, si me fôsse dada a dita de conhecê-los.... Então, só então a profunda chaga que tenho no coração cicatrizar-se-hia. Obrigou-me a patentear-lhe essa chaga, e d'aqui a pouco, desconhecido de todos, com a alma despedaçada, irei abafar tantas dôres em um claustro!

CONDES.—Si tua resolução, Fernando, fór irrevogavel, peço-te que nô-la communiquees esta tarde.

FERN.—Esta tarde!

CONDES.—Mandei chamar nossos parentes e amigos para participar-lhes a desgraça que acaba de ferir a teu irmão e a mim....

FERN.—Mas já dice que a minha fortuna....

CONDES.—E si mudasses de resolução? si escolhesses uma esposa?

FERN.—Uma esposa?

CONDES.—Cujo nome fosse tão nobre como o teu, e cuja familia corresse parellas com a dos d'Ávila. Si escolhesses uma mulher assim, nosso dever seria não accitar o teu generoso sacrificio.

(Continua.)